

Um retrospecto de Alfredo Nicolaiewsky

Alexandre Brioso Gomes Filho / 23 de março de 2023 / Entre Nós, Perfil



Perfil | Trajetória do artista e professor aposentado do Instituto de Artes é marcada pela reinvenção de temas e técnicas, mas também pela permanência de elementos como a estampa e a justaposição de imagens

*Foto: Ana Terra Firmino/JU

Na cozinha de seu apartamento, de pé sobre o piso de ladrilhos coloridos, Alfredo acende o seu cigarro e, enquanto fala sobre o passado, assopra a fumaça como se soprasse no ar um contorno dos momentos sobre os quais discorre. Ele coloca diante de si um véu de retrospectos, que, como o tempo que passou, vai se desmanchando aos poucos, deixando seus vestígios apenas na lembrança de quem observa.

Oriundo de uma família judaica de classe média porto-alegrense, o pulsar de Alfredo pela arte teve o amparo que a garantia de uma assistência financeira pode proporcionar a um artista. Ademais, o incentivo da família para que ele traçasse o caminho que lhe sugeria o coração foi essencial. Até então, a veia artística não habitava a família Nicolaiewsky, mas com a chegada do bem-te-vi, seguiu-se uma migração inteira de pássaros.

No Atelier Livre da Prefeitura foi onde a profissionalização de Alfredo enquanto artista se iniciou. Entrou na instituição um ano após a sua fundação, quando completou quinze anos, idade mínima para ingresso. “Basicamente, a minha formação em artes se deu ali”, constata. Ao artista não faltou instrução de grandes mestres, dentre os quais vale destacar a prática do desenho com Paulo Peres, quem o acompanhou por período mais longo e foi para ele um pilar importante na sustentação da criação de seu estilo. “O desenho era o meu chão”, diz Alfredo.

Aos 21 anos, sua primeira de muitas exposições, cujas obras ilustram desejos e emoções num estilo surrealista, foi realizada na Galeria do Atelier Livre. Posteriormente, viriam as exposições individuais fora de casa: na Galeria Macunaíma, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), cujo trabalho é centrado em artistas jovens de todo o país; no Centro Cultural Maria Antonia, da Universidade de São Paulo (USP), que promove exposições de arte moderna e contemporânea; exposições em Florianópolis; e outras realizadas com diversos artistas dentro e fora do país.

Passados cinco anos desde o seu ingresso no Atelier Livre, Alfredo se viu diante do questionamento frequentemente presente no início da vida adulta: o que fazer para sobreviver? Receoso de não conseguir se manter com o trabalho artístico, optou pela ciência da Arquitetura e ingressou no curso da UFRGS. Anos depois de formado, se descobriu na profissão descrita no trecho do poema de Cora Coralina: “Feliz é aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”.

Os anos como professor de desenho no Instituto de Artes foram longos e essenciais para que Alfredo pudesse trabalhar em suas obras sem ter de se preocupar se a sua produção pagaria ou não as suas contas, garantindo-lhe maior liberdade criativa em suas autorias. “Nunca imaginei que eu gostaria de ser professor, mas lá dentro [na Universidade] eu descobri que gostava”, confidencia.

Justapondo paixões

Sentado à mesa do seu escritório, Alfredo aponta para os quadros nas paredes e destaca os artistas que o inspiraram ao longo dos anos. São obras de Antonio Gutierrez, Carlos Alberto Petrucci e Waldeni Elias, dentre várias outras obras de artistas distintos pertencentes a sua coleção pessoal. O encanto de poder ver esses trabalhos pessoalmente em exposições no Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) ou em galerias – e não em livros – despertou no pintor uma afeição especial por esses artistas.

A temática das pinturas de Alfredo é como a incógnita de uma equação que depende dos demais elementos que a compõem; nesse caso, as influências culturais e o seu estado de espírito em dado momento. Conforme os anos foram passando, o artista se reinventou nos temas que abordou em suas obras e nas técnicas utilizadas para isso. No início da carreira, expôs obras num estilo surrealista; na década de 80, obras que mesclam figuras religiosas com nudismo em uma justaposição; e, atualmente, o artista trabalha numa série de pinturas feitas em papelão e papel. Além desses momentos, pinturas com pontilhismo também fizeram parte de seu variável estilo. Ainda que essas modificações tenham ocorrido, há elementos que permanecem, como a estampa, a repetição de padrões e a justaposição.

Quando começou a pintar figuras que remetiam ao erotismo, sequer se deu conta. Algumas pessoas olharam suas pinturas e o significado que extraíram foi este. Mesclando diversos elementos em uma justaposição, Alfredo causou burburinho no mundo artístico quando justapôs uma figura religiosa, um papel de parede com indícios de traços de desenhos hipoteticamente feitos por uma criança e um torso masculino nu com a genitália visível. “O que me incomodava era que a figura masculina nunca tinha a sua sensualidade explorada, apenas a figura feminina”, conta.

A partir do início de seu doutorado em Artes Visuais, em 1999, Alfredo se afastou dos pincéis e passou a se dedicar a trabalhos digitalizados, como a justaposição de imagens recortadas de diferentes filmes. “A ideia era criar um novo diálogo a partir de imagens existentes”, explica. Posteriormente, com o fim do seu doutorado, os anos como professor se intensificaram e, além da atenção que dava aos alunos, também tinha responsabilidades externas à sala de aula: foi coordenador de Comgrad e diretor do IA. Era pouco o tempo que sobrava para ser artista.

“Fiquei 20 anos sem desenhar. Nem desenhava nem pintava nada. Voltei a desenhar e pintar na pandemia. Foi um retorno muito louco, porque na verdade eu andava com vontade de pintar”

— Alfredo Nicolaiewsky



Foto: Ana Terra Firmino/JU

Um santinho para Alfredinho

Certa vez, o Alfredo de sete anos chegou à escola e recebeu de um padre que esporadicamente dava aula de religião um pequeno papel com a imagem de um santo – que estava sendo distribuída às crianças. Chegando em casa, sua mãe disse que ele teria que devolver o santinho à professora, pois a religião da família era diferente da católica, religião a qual remetia o santinho. Na escola, Alfredo tristemente devolveu a imagem que o havia cativado pelo simbolismo do gesto e pela estampa.

Mas aquela não foi a última oportunidade que Alfredo teve para guardar imagens. Posteriormente, ganhou do padrinho um livro sobre o pintor Matisse – um incentivo para o que (então aspirante a) artista tivesse um contato maior com a arte. Livros eram muito caros, mas Alfredo tinha acesso à revista Cruzeiro, em que sempre havia matérias com imagens e texto sobre algum artista; Alfredo as recortava e guardava.

Durante a adolescência, mal podia esperar pelos novos fascículos do Arte nos Séculos, sobre História da Arte. Lia a edição da semana no tempo de ser lançada a edição da semana seguinte como quem toma uma limonada numa tarde de verão. Com a coleção de fascículos Gênios da Pintura, em que cada fascículo apresentava um artista diferente, era a mesma coisa.

Quando Alfredo pintou o quadro Anjo da Guarda, ao longo de quatro meses entre 1993 e 1994, sua mãe, ao se deparar com a obra, se espantou. O motivo? O mesmo pelo qual havia pedido, anos antes, que o filho devolvesse o santinho à professora. O pintor afirmou que não se tratava de uma encomenda, mas, sim, que partiria do interesse em representar a cultura popular. Depois de um tempo, Alfredo se deu conta de que sua vontade de fazer a pintura religiosa era uma busca do que lhe havia sido negado na infância. Em êxtase, com os olhos brilhando e batendo palmas, comenta: “Agora eu tenho o meu santinho! Ninguém mais vai poder dizer que eu não posso ficar com o meu santinho”.

Sem parar

Aos 71 anos, o ritmo das produções de Alfredo permanece a todo vapor. Durante a pandemia pelo coronavírus, o pulsar pela pintura voltou a se manifestar em produções cujo processo o artista compartilhou em um e-book intitulado “Alfredo em processo; Nicolaiewsky em quarentena”. As obras, feitas a partir de padrões geométricos pintados em papelão com uso da justaposição, serão expostas em uma dupla exposição chamada “Que papelão!”, sediada nas galerias Ocre e Gestual.

Em seu tempo livre, Alfredo lê romances policiais, contempla os seus pensamentos em momentos de introspecção, acompanha as notícias do dia a dia, faz caminhadas e ginástica, assiste à TV e Netflix. É preciso descansar a mente, cujas faculdades estão sempre a todo vapor.

Às gerações atuais de artistas, o pintor diz que a carreira, ao mesmo tempo que é muito boa, não é fácil por conta de tudo o que exige, e critica o baixo incentivo público a artistas no país. “Na Holanda, por exemplo, o governo ajudava os artistas com dinheiro todo mês, algo que é fora da nossa realidade. Para quem tem dificuldade financeira é mais complicado ainda.” Apesar dos impasses que podem ser enfrentados, “se você gosta e está contente com o que faz, vale a pena”.

Depois de toda a produção que fez, do trabalho que realizou junto à Universidade, das mentes que cativou, das portas que abriu e dos corações que conquistou, a sensação é a de que dá para fazer muito mais.

“Não dá pra se sentir realizado, a gente tem que ter consciência de que fez coisas legais. Mas sentir-se realizado é estar pronto, e eu acho que é o dia em que a gente vai embora. O que eu sinto é que falta tempo, que tenho pouco tempo. Se eu tivesse mais tempo, eu conseguiria fazer mais coisas. Mas, enfim, vou continuar produzindo”

— Alfredo Nicolaiewsky



Foto: Ana Terra Firmino/JU

Posts relacionados

- Pesquisa do PPG em Zootecnia revela alta qualidade da carne de cordeiros nativos
- O futebol das gurias
- Extensão popular para mudar a Universidade!
- Praticando a escuta: pesquisa traz crônicas sobre os impactos da violência sexual na infância

<p>INSTAGRAM</p> <p>JornalDaUniversidadeUFRGS @jornalDaUniversidadeUFRGS</p> <p>Follow</p>	<p>REALIZAÇÃO</p> <p>JORNAL DA UNIVERSIDADE</p> <p>UFRGS SECOM</p> <p>UFRGS</p>	<p>CONTATO</p> <p>Jornal da Universidade Secretaria de Comunicação Social/UFRGS</p> <p>Av. Paulo Gama, 110 Reitoria – 8. andar Câmpus Centro Bairro Farroupilha Porto Alegre Rio Grande do Sul CEP: 90040-060</p> <p>(51) 3308.3368</p> <p>jornal@ufrgs.br</p>
--	---	--

View on Instagram